

RISCOS DESLIZANTES

Heather Harpham Kopp

Há alguns dias, minha mãe veio me visitar. Quando ela foi embora, você diria que ela estava encharcada. Ela diria que era eu quem estava encharcada.

Tom e eu a levamos à piscina de nossa cidade, onde existe um longo escorregador aquático. Insistimos para que ela tentasse escorregar ali, dizendo que seria divertido e seguro.

Ela hesitou, lembrando-me de que nunca havia saltado sequer de um trampolim.

Eu não me surpreendi. Minha mãe sempre foi uma pessoa tímida, não acostumada a correr riscos. Para ela, risco é passar por uma liquidação sem parar para dar uma olhada.

Mas as filhas sabem muito bem como manipular as mães; e eu não sou exceção à regra.

Antes que ela desistisse, Tom levou-a ao topo do escorregador.

Quando ela empalideceu, instantes antes de iniciar a aventura, Tom tentou tranquilizá-la. Ele disse que ela poderia escorregar na velocidade que desejasse. E afirmou que ninguém havia sido jogado para fora de um escorregador aquático, pelo menos naquele, em particular.

Imaginamos que ela deve ter duvidado daquelas palavras. Ela deve ter concluído que a maneira mais segura de escorregar seria de costas e com as pernas esticadas, para não ser ejetada.

Fiquei observando lá de baixo. Minha mãe escorregou tão rápido que quase não a vi. Você precisa entender que ela não é uma mulher pequena. Mede 1,70m e, conforme ela mesma diz, "come de tudo a que tem direito".

Mesmo assim, qualquer um podia ver sua boca escancarada e a expressão de susto em seu rosto. Quando minha mãe despontou no fim do escorregador, seus óculos, que ela escondera cuidadosamente na parte superior do maiô, voaram longe. O escorregador teve de ser fechado para que os salva-vidas pudessem ajudar minha mãe, aflita e quase sem enxergar nada, a encontrar os óculos.

Eu me senti péssima. Mas havia aprendido desde tenra idade que não vale a pena viver sem correr alguns riscos. E, às vezes, as pessoas necessitam de algumas cutucadas. Se forem bem-sucedidas, elas lhe agradecerão. Caso contrário, é melhor você se esconder no meio de uma piscina abarrotada de gente.

Aprendi minha primeira lição sobre correr riscos aos cinco anos de idade. Uma vizinha de nove anos queria que eu jogasse a arma de brinquedo de um menino dentro da caixa de correspondência, que ficava na esquina, do outro lado de nossa casa. Eu não via problema nenhum em fazer aquele trabalho sujo para a menina, mas resolvi dizer que não tinha permissão para atravessar a rua.

- E se eu carregar você? - ela disse, em tom de voz confiante. Assim, ninguém vai poder dizer que você atravessou a rua.

Aquilo me pareceu uma boa ideia.

Peguei a arma de brinquedo do menino e joguei-a dentro da caixa de correspondência. Porém, no caminho de volta, minha cúmplice derrubou-me acidentalmente, e eu bati com a cabeça no asfalto - foi a minha terceira sutura naquele verão.

Este é o problema de correr riscos. Nem sempre devemos nos arriscar; nem todas as cutucadas devem ser levadas a sério. Foi o que minha mãe me disse, naquela ocasião, e também quando ela me encontrou na piscina, escondida na parte reservada às crianças. Geralmente, os riscos que procuramos correr não terminam com um ou dois pontos na cabeça. São tipos de riscos que ferem nosso orgulho.

Como, por exemplo, uma descida pelo escorregador aquático. Ou um romance. Ou admitir uma verdade desprezível sobre nós mesmos. O fato é que existem coisas impossíveis de serem alcançadas sem riscos:

experiência, amor, honestidade, aventura.

Minha mãe devia estar aprendendo a mesma coisa. É a única explicação que tenho a dar. Você acredita que, depois de ter-se recuperado da aventura no escorregador, e depois de ter-me perdoado, ela revelou que gostaria de fazer uma nova tentativa?

- Você está brincando! - eu disse, incrédula.

- Só mais uma vez - ela disse. - Vou escorregar sentada, segurando nas laterais, e descer bem devagar.

É claro que minha mãe perdeu o equilíbrio assim que iniciou a descida e escorregou de costas. Apesar de todos os seus gestos frenéticos, ela não conseguiu sentar-se novamente.

Eu fiquei na parte inferior do escorregador à espera de minha corajosa mãe. E, pela primeira vez em minha vida, pedi a Deus que me fizesse ser mais parecida com ela.